

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

ANNUNCIOS

Aveiro: 100 n.º, 23000; 50, 13000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 n.º, 23250; 50, 13125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 n.º (moeda forte), 43500 réis.—Pagamento adiantado.

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis.—Communicados, cada linha, 30 réis.—Annuncios permanentes, mediante contrato.—Os srs assignantes gozam do desconto de 25 p. c.

Redacção, rua do Espírito Santo, 71

NUMERO AVULSO, 20 REIS

Administração, rua do Espírito Santo, 71

AVEIRO

A QUESTÃO DAS PAUTAS

Vae ser discutida, emfim, no parlamento, esta importantissima questão.

Os jornaes monarchicos de maior auctoridade intellectual não escondem as suas apprehensões sobre o exaggerado protecçionismo que vae ser posto em pratica. O *Correio da Manhã* tratava ha tres dias a questão pouco mais ou menos como a tratara o *Povo de Aveiro*, isto é, que a protecção deveria ser desviada principalmente para as industrias agricolas, aquellas em que nós somos susceptiveis de desenvolvimento, havendo o maximo cuidado com a protecção que se vae conceder aos artigos de moda e de luxo, porque a sua primeira consequencia será afugentar de Lisboa os innumerables estrangeiros ricos; principalmente brazileiros, que veem procurar a suavidade e aos encantos do nosso clima, uma commoda estação de inverno.

O proprio órgão do sr. ministro da fazenda, o *Diario Popular*, manifesta o seu nenhum enthusiasmo pela elevação de direitos sobre alguns artigos estrangeiros, confessando que tem muito medo do egoismo dos nossos industriaes que hão de procurar antes enriquecer-se do que desenvolver patrioticamente os ramos das suas industrias, temendo pela carestia e encarecimento de certos generos, pelo contrabando, etc.

Assim é, na verdade. Foi o *Povo de Aveiro* o primeiro jornal portuguez que protestou contra tanto protecçionismo, quando *Seculos* e quejandos o pediam em alta grita, rubros de patriotismo e de especulação. Essa corrente de exaggeros pautas que vae em todo o mundo é um desvairamento, uma allucinação, como tantas outras correntes identicas que de vez em quando passam perturbando os espiritos. Não dará resultados nenhuns esse isolamento dos povos, essas muralhas que se vão erguer nas fronteiras. Pelo

contrario, a guerra que d'ahi resultar será um verdadeiro desastre. D'accordo que se conceda protecção a certas industrias. Tudo que nasce precisa d'amparo e auxilio. Mas o que nasce rachitico, o que nasce torto, *tarde ou nunca se endireita*. Tudo precisa d'um meio adequado ao seu desenvolvimento, a planta, o animal, a litteratura, a arte, a industria, o commercio, tudo enfim. Deixar ao abandono o que é são, o que tem vida, o que tem musculatura, para amparar o que é doente e rachitico, é um contrasenso sem par. E em Portugal, com a questão do protecçionismo, não se está fazendo senão isso.

Entre nós o peor mal é o da educação e esse não se remedeia com pautas. O industrial soffre d'um egoismo sordido que não lhe deixa vêr senão os interesses immediatos. O publico soffre da ignorancia crassa que nos tem perdido. Para este publico alvar e boçal, desde o alto burguez até ao misero amanuense de repartição, tudo quanto é portuguez só pelo facto de ser portuguez não presta. Ora, sem duvida que ha muitos productos da industria portugueza inferiores aos productos da industria estrangeira. Mas ha outros que os egualam e os excedem. Nos tecidos de lã e algodão, por exemplo, a industria portugueza apresentava de ha muito productos honrosos. Não excedia nem igualava a industria estrangeira, e nunca a ha de exceder nem egualar, em obras de luxo e mesmo de primeira ordem. Mas os productos de consumo geral eram eguaes ou proxima-mente eguaes. Pois os industriaes, para os vender, precisavam de lhe pôr marca estrangeira, de contrario ficavam com elles em casa. Qual é o remedio para essa falta de criterio, para esse pedantismo nojento, para essa crassa ignorancia de parte do indigena? Metter-lhe a cabeça na barrela.

Não ha outro.

Com as pautas exaggeradas o que conseguimos é encarecer extraordinariamente os objectos de serviço commum, é tornar a vida mais cara do que ella está, é abrir portas ao contrabando, é arruinar o commercio para enriquecer meia

duzia de industriaes que hão de pôr toda a sua mira e empenho muito mais em encher as algibeiras do que em desenvolver e aperfeiçoar o trabalho nacional.

E' um novo desastre.

E, senão, nós veremos com o tempo.

UMA GRANDE INFAMIA

Sob este titulo lê-se no *Certaginense*:

Nas chafaricas do partido republicano portuguez—não confundir com o verdadeiro partido republicano—praticam-se actos tão abjectos e tão hediondos, que chega a enojar de véras ter que dal-os á luz da publicidade. A parte são e sensata do paiz e do partido republicano, que avalie e julgue com imparcialidade os actos revoltantes d'uns homens que, dizendo-se sectarios de uma idéa nobre e generosa, commettem em nome d'esse mesmo ideal de justiça, as maiores baixezas, as maiores infamias e as mais torpes indignidades, contra um homem, que sacrificou a sua posição, o seu futuro, a sua liberdade e uma parte da sua fortuna, em prol dos seus principios que estes energumenos hypocritamente dizem professar. O cavalheiro a quem nos referimos é o nosso amigo o sr. Homem Christo.

Em seguida á revolução de 31 de janeiro, fizeram-se diferentes prisões de individuos mais ou menos suspeitos de implicados n'aquelle simulacro de revolução de opera comica, o qual foi combatido abertamente, francamente e lealmente, pelo sr. Christo, pois o julgava inopportuno n'aquella occasião, visto que o paiz se achava a braços com duas importantissimas questões: a fazendaria e a ingleza.

Não obstante esta attitudo de intrasigancia, o sr. Christo foi denunciado e levado á prisão pelos seus proprios correligionarios, que empregaram todos os esforços para que elle fosse degredado. A justiça e a verdade triumpharam plenamente. Foram mallogrados os desejos da córja vil e immunda, que se encobre com a capa do republicanismo.

tirar o antigo d'esta casa; e depois o que encontrarei eu n'um outro convento? Meu coração insensível, superiores severas, religiosas que não serão melhores do que estas, os mesmos deveres, os mesmos castigos. E' melhor acabar aqui os meus dias; n'este convento, serão mais curtos.

—Mas a senhora interessou por si muita gente honesta, a maioria opulenta: não a obrigarão a permanecer aqui se sahir sem levar nada.

—Tambem julgo isso.

—Uma religiosa que sahe ou que morre, arguenta o bem-estar d'aquellas que ficam.

—Mas essa gente honesta, essa gente opulenta, já não pensa em mim e o senhor achal-a-ha muito fria, quando se tratar de me dotar á sua custa. Como quer o senhor que seja mais facil á gente do mundo, tirar do convento uma religiosa sem vocação, do que ás pessoas religiosas, fazer entrar uma bem disposta? Dota alguém facilmente estas ultimas? Ah! senhor, toda a

gente se retirou depois da perda do meu processo; não vejo mais ninguém.

—Minha senhora, encarregue-me só a mim d'esse negocio e serei mais feliz do que fui no outro.

—Eu já não peço, nem espero, nem me opponho a nada; o unico recurso que me restava, perdeu-se. Se eu esperasse que Deus me mudaria de estado, se tivesse na minha alma aquella esperanza que perdi... Mas que estou eu a dizer! este vestido agarrou-se-me á pelle e aos ossos e nunca deixará de me opprimir. Oh! que sorte! ser-se freira toda a vida, e sentir-se que nunca se será senão má freira! Passar-se toda a vida a bater-se com a cabeça contra as grades da prisão!...

Quando profiri estas ultimas phrases, comecei a gritar; queria suffocar os meus gritos, mas não podia. O senhor Manouri, admirado da minha afflicção, disse-me:

—Minha senhora, permite-me que lhe faça uma pergunta?

—Faz favor, senhor.

FRANCISCO CHRISTO

OS ACONTECIMENTOS DE 31 DE JANEIRO

E A

MINHA PRISÃO

A' venda n'esta redacção e na tabacaria e estabelecimento de moveis do sr. João Francisco Leitão, á rua de José Estevão.

Remette-se franco de porte a quem enviar 600 réis a esta redacção.

Mas vamos a uma scena mais recente e mais revoltante, que os miseros planearam.

Em setembro passado fez-se uma reunião abi algures, em qualquer sitio escuro de Lisboa, onde a classe operaria concorreu em grande numero, talvez illudida na sua boa fé cuidando que se ia tratar d'algum assumpto de interesse publico.

Aberta a sessão, varios pulhas comprados pelos taes republicanos, começaram discutindo a personalidade do sr. Christo, vomitando calumnias e sandices de alto calibre, contra aquelle cavalheiro, concluindo por o condemnar á morte! resolução esta que foi repudiada por alguns honrados operarios alli presentes.

O sicario encarregado de pôr em pratica aquelle plano, era um fadista, residente ha muitos annos em Lisboa, e natural do Alemtejo, devendo o tal miseravel ir munido de um punhal, arma que, na opinião de peritos no genero «facada», elle meneia com tanta destreza e habilidade como os malabares as facas. Inutil será dizer que o homem não poz em pratica a sentença, não ganhando por isso o ajuste do alquger. E lá se foi para o Brazil onde talvez os seus serviços obtenham melhor remuneração.

Se alguém tiver a menor duvida sobre a authenticidade d'este facto, eu appello para o testemunho do nosso nobre amigo Abilio David, a quem foi contado este feito heroico, com toda a reserva, na minha presença.

Sabemos mais que a quadrilha propala por toda a parte pôr em execução, a sentença lavrada na celeberrima sessão.

Que parlapatões e que farçantes!

Sem mais commentarios, esperamos que a imprensa séria e independente aprecie com desassombro os factos que aponto.

Idyllio Leopoldo de Magalhães Moura.

Então com quê, condemnado á morte! Já não é a primeira vez e entretanto temos vivido com a ajuda de Deus. Mas vamos a saber, foi na sociedade secreta de que é major o Paulo da Fonseca e tenente-coronel o Sabino de Oliveira?

E' ridiculo, sem deixar de ser pulha. Ridiculo, porque todo o mundo conhece os farçantes e miseraveis auctores da proeza como incapazes de levarem dois pontapés no sitio em que trazem as calças rotas. Pulha, porque, sem deixar de ser ridiculo o fa-

—Uma dôr tão violenta, não é causada por algum motivo secreto?

—Não, senhor. Odeio a vida solitaria, sinto que a odeio e que a odiarei sempre. Não me posso sujeitar a todas as miserias a que se sujeitam as outras religiosas. E' um encadecimento de loucuras, que eu desprezo; sujeitar-me hia a tudo, se podesse; procurei com vezes dominar-me; não pude. Invejei, pedi a Deus a feliz imbecilidade do espirito das minhas companheiras; nunca a obtive, nunca elle m'a concedeu. Faço tudo mal, digo tudo ás véssas; o defeito de vocação, penetra em todas as minhas acções, como se vê; insulto a todo o momento a vida monastica; chamam orgulho á minha inaptidão; occupam-se em humilhar-me; as faltas e os castigos multiplicam-se até ao infinito e os meus dias são passados a medir com a vista a altura das paredes.

(Continua.)

42 SOCHEKIM

DIDEROT

A FREIRA

—Então ignora o resultado do seu processo?

—Não, senhor, não ignoro nada; já adivinhei a minha sorte e estou resignada.

—Então como teem procedido comsigo?

—Por enquanto não pensaram em mim, mas o passado, dá-me a conhecer o que o futuro me prepara. Resta-me apenas a consolação de que, privada da esperanza que me sustinha, é-me impossivel soffrer tanto como já soffri; morrerei. A falta que commetti, não é d'aquellas que se perdôe em religião. Eu já não peço a Deus para com-

mover o coração d'aquellas á descreição das quaes houve por bem abandonar-me; só lhe peço que me dê força para soffrer, que me salve do desespero e que acabe commigo promptamente.

—Minha senhora, me disse elle a chorar, se a senhora fosse minha propria irmã, eu não teria feito mais do que fiz...

Este homem tinha o coração sensível.

—Minha senhora, accrescentou elle, se eu lhe posso servir para alguma coisa, disponha de mim. Procurarei o primeiro presidente, que me considere; procurarei os grandes vigarios e o arcebispo.

—Senhor, não procure ninguém; está tudo acabado.

—Mas se se podesse fazer com que a senhora mudasse de casa?

—Encontram-se muitos obstaculos.

—Mas quaes são esses obstaculos?

—A concessão é difficil d'obter, tem que se fazer outro dote ou re-

cto revela mais uma vez de quanta escoria vil se compõe o chamado partido republicano português.

Que villanagem! Que facinoras!

De resto, só diremos que teremos muito prazer em encontrar um dia os facinoras, do que, infelizmente, estamos livres, encarregados de pôr em prática a celebre sentença do tribunal do gancho. Muito prazer, para os recebermos com as honras que merecem!

Ora venham para cá, se são capazes d'isso.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

A imprensa franceza continúa commentando muito desfavoravelmente a situação financeira do nosso paiz.

Campanha de descrédito — chamam as folhas ministeriaes á critica dos jornaes francezes; mas a verdade é que estamos hypothecando os rendimentos nacionaes aos credores estrangeiros, pois que sem isso Portugal não realisaria emprestimo algum nas praças d'outros paizes.

Se isto não é principio de um estado quasi a fallir, pois que de mais as despesas publicas sobrelevam annualmente milhares de contos sobre as receitas, não sabemos como qualificar o enorme e crescente desequilibrio financeiro que hoje assoberba o thesouro portuguez; não sabemos como expor os homens que n'um longo periodo de esbanjamentos escandalosos onsam ainda a podar de pessimistas quem alvorota o paiz com noticias alarmantes da derrocada que se avizinha.

O mal está feito, e não serão as tisanas do sr. Marianno de Carvalho que nos salvarão do desastre. Para lá caminhámos inexoravelmente.

Depois... será o que Deus quiser.

La Dépêche Financière estranhando, ha dias, na sua revista financeira, a forma por que o governo portuguez obtinha dinheiro, commentava:

"O governo portuguez tem conseguido disfarçar a terrivel situação financeira do seu paiz, multiplicando os emprestimos n'uma média annual de 400 milhões, tanto para cobrir o deficit annual, como para as despesas extraordinarias. Mas tudo tem um fim. Os ultimos emprestimos foram difficilmente effectuados e novos são de impossivel realisação. Esgotaram-se todos os expedientes. Depois do expediente da hypotheca dos tabacos, o governo não sabe qual deva tomar. Vae, pois, ser obrigado a viver dos seus proprios recursos."

Attribue-se a Portugal a intenção de propôr, para os seus proximos coupons, o pagamento á razão de 2/3 em metal e um 1/3 em papel. D'este accordo resultará o acrescimo da sua divida, quando o empenho do paiz, devia ser o de reduzi-la.

"Não seria preferivel procurar estabelecer uma combinação entre Portugal e os seus credores baseada na que outrora prevaleceu na Tunisia, depois no Egypto e ultimamente na Turquia?"

"Os credores de Portugal residem na França, Alemanha e Inglaterra. Uma intervenção d'estas potencias seria util aos seus subditos."

O Petit Parisien, dizia ácerca do pagamento do coupon que Portugal deve satisfazer no mez que entra amanhã:

"O ministro de Portugal declarou que o coupon de janeiro será integralmente pago.

Os portadores dos titulos da divida portugueza devem alegrar-se? Não nos parece. Como se deve

compreender, não é com as receitas do Estado que se effectuará o pagamento. O ministro não descobriu em nenhum cauto ignorado o orçamento, a receita providencial que salve a situação. Não, o sr. Marianno de Carvalho encontrou simplesmente, e em Paris, amigos que, para o tirarem de embarços, se promptificaram a emprestar-lhe o necessario para occorrer aos seus compromissos. Sómente como os tempos são maus as condições d'esse emprestimo in extremis são naturalmente onerosas e os capitalistas exigiram garantias: em Londres foram-lhes dados, como caução, titulos de divida interna e externa; em Paris obtiveram fuma garantia sobre as receitas dos caminhos de ferro do Estado.

Já o dissámos, o ministro, depois de ter alienado a receita dos tabacos empenhará os caminhos de ferro, os portos, as alfandegas, tudo, de forma que, no dia da catastrophe final, não restará coisa alguma a portadores dos titulos de divida.

Eis o que é preciso impedir a todo o custo.

A alta fiança, a quem incumbe o dever de impôr economia, não devia, sob pretexto nenhum, fornecer a Portugal quaesquer adeantamentos que não fazem senão tornar cada vez mais grave o pagamento da divida.

Só ha uma solução racional: a constituição de uma administração da divida publica como na Turquia, como no Egypto, sob a fiscalização dos credores."

E' assim que as nossas coisas e os nossos homens são aquilardados lá fóra. Ameaçam-nos com a tutela, que a despeito das ultimas palavras do sr. ministro da fazenda, se nos affigura inevitavel, como já é a unica solução logica e racional, com pezar o dizemos.

Carta de Lisboa

29 de Dezembro.

Continuam muito agitados os republicos contra a ultima propaganda e attitude do Seculo. Por outro lado o Seculo veio á barra e dizem-me que lhes largou piada grossa.

O sr. Magalhães Lima deitou artigo, que não li. E como curo de informação, desde já resalvo qualquer inexactidão que avance sobre o contheúdo d'esse artigo.

Dizem-me que o sr. Magalhães Lima affirmou a sua fidelidade eterna aos principios republicanos. Que nunca fóra senão republicano. Que nunca pedira nada á monarchia. Que não devia nada ao partido republicano, etc.

Ora em ando farto de dizer ao sr. Magalhães Lima, ha mais de oito annos que lh'o digo, que não seja parlapatão. Entre mim e a canalha que segue s. ex.^a ha esta unica differença: é que eu nunca digo senão as verdades, prézo-me d'isso. E a canalha de s. ex.^a nunca diz senão infamias e mentiras. O sr. Magalhães Lima pediu candidaturas monarchicas á monarchia, depois d'escrver phanphletos incendiarios e republicanos. E só quando lh'as negaram é que voltou ao campo republicano. Já lhe disse isto muitas vezes, já lh'o provei outras tantas e hei de lh'o repetir sempre que s. ex.^a queira fazer de catão, apregoando fidelidade aos principios republicanos e affirmando que nunca pediu nada á monarchia.

Quanto a dizer que não deve nada á republica é outra mentira e outra falta de seriedade de s. ex.^a S. ex.^a á republica deve tudo, tudo, ouça bem. Se s. ex.^a estivesse n'um partido monarchico nunca passaria do que é: um pateta. No partido republicano foi grande jornalista, grande orador, grande homem. Se s. ex.^a estivesse n'um partido monarchico, havia de viver dos seus magros rendimentos, ou dos rendimentos de

empregado subalterno que não tinha merecimentos para mais, a não ser que o papá lhe valesse com a sua influencia de capitão-mór. No partido republicano... simplesmente enriqueceu com o Seculo.

Póde ser que os monarchicos é que sejam hoje os leitores do seu jornal. Póde ser. Mas quem lh'o fez, quem lhe deu reputação, quem lhe deu vida e alento foram os republicanos. Hoje a vibora morde o seio de quem a aqueceu. Está muito bem. E' proprio do sr. Magalhães Lima e da canalha que o segue e é bem feito nos que foram tolos e parvos para o aturar.

Agora se o sr. Magalhães Lima quer dizer que moralmente e intellectualmente vale mais ainda que alguns dos seus detractores de momento, aquelles a quem s. ex.^a respondeu no tal artigo, ah! tem caradas de razão e não somos nós que lh'a negámos. Ninguém compara o Alves Correia, por exemplo, com o sr. Magalhães Lima. Salve-se a verdade. Vê a gente a Voz Publica, do Porto, o papel d'um sujeito que depois de andar a conspirar declarou que não era portuguez e que o seu jornal era para elle simplesmente uma empresa mercantil, isso para fugir á responsabilidade dos acontecimentos de 31 de janeiro, vê a gente esse papel apregoar intransigencia de principios e honra da bandeira perante a conducta do Seculo, é da gente correr a pegar no sr. Magalhães Lima para o pôr em cima d'um andar.

Vê a gente a Vanguarda, o jornal d'aquelle menino que defendeu a questão dos barjonaceos e que fez largos reclames ao sr. Marianno de Carvalho para ministro da fazenda, vê a Vanguarda defender intransigencia com os partidos monarchicos, é caso para se tratar, sem demora d'um instante, de levantar uma estatua ao sr. Magalhães Lima.

E vê então a parvoçada toda dos republicos a vociferar contra o sr. Magalhães Lima, depois de lhe ter feito apothoses, é da gente rir a bom rir e depois de rir pegar n'um bispote e despejar-o por cima da cabeça dos alves, dos carneiros, dos magalhães, dos vanguardados, dos vozes publicos, dos seculos e quejandos, que tudo isto não mette senão nojo, senão repugnancia, senão asco.

Isso, que é um ultraje á civilização, um escarneo da idéa, uma vergonha da patria!

Critica litteraria

CHROMOS

(Concluindo do n.º 543)

A respeito do conto que se segue com o titulo *Emfim!* direi que, á força de resumido, apenas deu um chromo deficiente, a que a ausencia d'argumento definido tira um grande relevo de cor e imprime o tom meio curioso meio desagradavel de todos os trabalhos em esqueleto.

O penultimo conto, *A Fatalidade*, tem um pouco de falso.

A sua synthese é esta: Uma suspeita de crime commettido pelo marido vem dar á esposa uma reserva cruciante. Não se atreve a dizer-lhe uma palavra, como elle, n'uma melancholia profunda, não póde esboçar um sorriso desde que sabe que tambem a esposa o apontava, embora intimamente, como auctor de um assassinio que não praticára.

Até aqui tudo é muito natural. Mas a auctora deixa-os ficar assim três annos, n'aquella situação insupportavel de retrahimento mútuo, n'aquelle ininterrompido silencio d'ambos a respeito do boato esmagador que toda a aldeia acatava e que era mais do que uma dôr, mais do que um supplicio!

Pois não era mais verosimil,

mais logico, dar o desfecho explicativo dentro de poucos dias, como na prática se não podia deixar de dar entre dois esposos que o eram pelos corações e não pelo interesse?

Pois não é licito prever que elle, o accusado mas o innocente, resalvando embora a responsabilidade do pae, verdadeiro culpado, communicasse á esposa o segredo terrivel, immolador, que só elle sabia, estabelecendo a paz da confiança no lar, dando a satisfação naturalissima á propria consciencia, a satisfação que ella nos impõe a todos nas coisas simples quanto mais nas graves?

E senão, se a logica nos não desse como um absurdo o aguardar-se a agonia última para a confissão d'uma irresponsabilidade, lá estava o fim da Chica, tresvariando completamente quando sabe da innocencia do marido moribundo, no remorso de ter presumido n'elle um assassino, mesmo a dizer que teriam sido muito felizes se o Manuel se tivesse explicado de principio.

Qu'importava que o nome do pae se manchasse á vista, se elle manchado estava de facto e se a dignidade do filho se recompuha, como era de justiça?

A these é melindrosa, bem o sei. Mas eu julgo poder prescindir aqui de considerações muito largas; isso é trabalho para outras occasiões, se vierem. O que, no entanto, direi ainda para ultimar o meu reparo, é que foi sobretudo a delonga a que a auctora forçou a verdade da situação entre aquellas duas personagens o que deu ao conto a desvirtude da inverosimilhança.

E fecha o livro com um Conto phantastico cujo titulo me dispensa a analyse.

A escola que mais de perto é seguida pela ex.^{ma} sr.^a D. Magdalena Martins de Carvalho é a de Guy e de Catulle.

Ora, á parte todo o respeito que me devem duas tão grandes personalidades litterarias, essa escola tem o seu defeito manifesto. Pécca pela falta d'inducção expressa. Nem todo o leitor sabe deduzir do que leu, e o que tem o intellecto sufficientemente desenvolvido para o fazer, póde muito bem deduzir uma falsidade, deturpando, ou pelo seu modo de ver subjectivo ou pela natureza das circumstancias que revistam a acção, o pensamento do auctor, o fim a que elle queria chegar. E isto não deve ser. O escriptor não póde deixar á mercê de cada um a moralidade do que escreve.

Depois, um trabalho que agrada ao espirito pelas bellezas do estyllo, pela finura do contexto, pelo realismo, ou naturalismo da forma, tem simplesmente qualidades vans que se dissipam logo que a sua leitura acaba e que só deixam atrás de si a impressão esthetica, sem dúvida de nenhuma importancia parallelisando-a com a impressão moral.

Esriptos que só distraiam, se tem algum merito relativo, não podem ser julgados como bons escriptos. E a essa restricção de merecimento deve furtar-se todo aquelle que transmite á penna as suas idéias, não descurando nunca a substancia d'ellas nem o fim util que as suggeriu.

Razão nenhuma nos leva a não seguir a escola realista. Que esta possa prescindir da vestidura licenciosa de Zola, perfectamente; mas tendo sempre por divisa castigar o vicio, mostrando-o nas suas multiplas consequencias deploraveis, para que o vicioso as peze, as comprehenda e as evite.

O idealismo doce que desperta a alma e adornece os sentidos, como disse, tambem a propósito dos *Chromos*, o distincto redactor do *Districto de Castello Branco*, não o quero. Seria á sombra da litteratura abrir uma escola de madraços.

Descrever simplesmente, nuamente, uma paixão ou um crime, um accidente ou uma velleidade,

póde ser muito bonito, mas não educa e, sobretudo, nada regenera.

Logo, a auctora dos *Chromos* vê, por esta synthese, o que penso sobre o seu livro. E se não pude absolutamente desligar-me das tentações da critica, tambem não posso agora eximir-me a confessar que li com certo prazer os *Chromos* porque, desde a primeira pagina, elles me asseguraram que a ex.^{ma} sr.^a D. Magdalena de Carvalho dispõe de talento bastante para, como já disse por outras palavras, conquistar no mundo das letras um nome aureolado.

FERNANDO MENDES.

NOTICIARIO

As festas dos ramos

As que se realisaram nos ultimos sabbado e domingo correram sem incidente digno de chronica. Faltou-lhes o enthusiasmo que de anno para anno vae desapparecendo, talvez por effeito da influencia de outros meios que se vão substituindo aos velhos habitos.

O mau tempo não foi tambem estranho á monotonia das festas, pois que não deixou que as tricanas espanejassem as fatiotas novas, ruboleteando nervosas por essas ruas á cata de admiradores, mas com uma desaffecção diabolicamente estudada.

O reinata das festas costuma ser mais saliente. Os *parceiros* que folgam amanhã são de rude tempera, e fazem mais arruado agitando cabaças do que outros empunhando as taças.

OS JESUITAS

Corre que um padre, de Coimbra, vae publicar um livro em opposição ao do sr. Borges Graulha — *Os Jesuitas*.

Parece que os governos hespanhol e portuguez propozeram ao da Allemanha a prorogação dos tratados de commercio, impondo, porém, maiores direitos sobre o alcool, mas o governo allemão recusa o offerecimento, tratando simplesmente da prorogação dos convenios commerciaes sem modificação alguma.

Associação Agrícola

Acaba de constituir-se a Associação Agrícola da Bairrada, com sede em Anadia, que bastantes serviços póde prestar áquella uberrima região agricola.

Reveste o caracter de sociedade cooperativa, commercial, de responsabilidade limitada, exercendo a sua acção nos concelhos de Anadia, Oliveira do Bairro, Mealhada, Agueda, Mortagua, Mira e Cantanhede.

O seu capital é indeterminado e variavel; e o seu fim é o mutuo auxilio dos socios no desenvolvimento da industria agricola, de credito pessoal dos associados, da sua economia domestica e de credito do vinho produzido na área da sua acção.

O seu fim realisa-se: Advogando os interesses da industria agricola;

Vendendo, por conta dos donos e mediante commissão, os productos agricolas dos socios;

Prestando aos agricultores todos os esclarecimentos ácerca de adubos, productos chimicos, sementes e machinas empregadas na agricultura;

Comprando e vendendo sementes, plantas, adubos agricolas, sulfureto de carbonio ou quaesquer insecticidas, enxofre e outras materias primas de industria agricola;

Comprando ou fabricando e vendendo machinas e instrumentos agricolas, e bem assim as cousas necessarias á vida;

Representando aos poderes publicos ácerca dos interesses e necessidades agricolas;

Fazendo operações de credito em beneficio dos socios;

Promovendo que um grande numero de agricultores se habilitem para praticos dos tratamentos anti-phyloxericos e da enxertia de videiras americanas na estacão ampelo-phyloxerico d'esta villa, para serviço dos socios;

Encarregando-se de mandar vir praticos e enxertadores, por conta dos socios, quando isso lhe seja pedido;

Auxiliando os socios nas reclamações por contribuições.

Instrução popular

A pedido de grande numero de professores primarios, os srs. Antonio de Carvalho Miranda e Francisco José Cardoso, redactores da *Federação Escolar*, acabam de se dirigir á imprensa periodica, com o fim de que esta, fazendo causa commum, lembre ao governo a conveniencia de decretar que as camaras municipaes dos diferentes concelhos, criem verbas nos seus orçamentos para pagarem aos professores primarios o exercicio de vencimento, conforme a lei de 9 de agosto de 1888, e as juntas geraes não approvem os referidos orçamentos camararios onde não figure essa verba.

O pedido é de todo o ponto justissimo. E pelo ser associamo-nos aos desejos dos nossos illustrados collegas da *Federação Escolar*.

Um santo bandarilhado

Conta um jornal hespanhol que um habitante de Marés, aldeia vizinha de Saragoça, indignado com a estiagem pertinaz que alli tem feito, foi-se ao santo padroeiro da povoação e cravou-lhe um par de bandarilhas!

As autoridades instauraram-lhe um processo.

Contrabando de polvora

No domingo foi apprehendida em Espinho, no comboyo, a uns passageiros estrangeiros que haviam embarcado em Aveiro e desembarcaram n'aquella estacão, 12 volumes, alguns d'elles com polvora ingleza encartuchada, que foram entregues á alfandega em Espinho, onde o encarregado poz em liberdade os tres individuos que o guarda n.º 228 do 1.º batalhão da guarda fiscal fizera prender.

A apprehensão foi feita pelo revisor do trem e pelo fiscal do governo.

Solrée musical

O grupo musical *Doze de Agosto* realisa no proximo dia 5 de janeiro uma *soirée* musical, com bilhetes de admissoão pessoas e intransmissiveis.

Os nihilistas

Não descansam estes valentes e heroicos fanaticos pela liberdade.

O correspondente do *Times* em S. Petersburgo, diz que n'aquella cidade circulam com insistencia

boatos de terem sido presos muitos operarios em diversas fabricas dos suburbios da capital. Julga-se que os presos estão filiados no partido nihilista, e que em poder d'elles se encontram muitos planos e desenhos do palacio imperial. Tambem é muito commentada a prisão da esposa d'um professor, suppondo-se que o facto está relacionado com a descoberta d'uma conspiração nihilista.

Não é facil, dada a reserva das autoridades e funcionarios, aclarar o que haja de verdade n'esses boatos; mas a supposiçao parece confirmar-se dada a terrivel situaçao em que se encontra a Russia, onde a fome augmenta a actividade dos inimigos das instituicoes. Seja a agitaçao resultado do descontentamento que as privaçoes produzem, seja uma nova manifestação da effervescencia nihilista, o resultado será o mesmo.

Precisamente em S. Petersburgo ha milhares de desesperados procedentes das provincias mais castigadas pela fome, e é provavel que os conspiradores tratem de aproveitar esses elementos.

Na Finlandia augmenta de dia para dia o descontentamento contra o governo; a maioria da população protesta contra as medidas tendentes a supprimir as franquias e liberdades da provincia, e como esta perden as colheitas e a escassez é terrivel, calcula-se em 12:000 o numero de pessoas que já tem perecido de fome, apesar dos esforços da auctoridade para proporcionar trabalhos e recursos. E, pois, para receber que os inimigos do czar procurem auxiliares entre os finlandezes, augmentando as difficuldades com que o governo moscovita lucha n'estes momentos de privação.

Mestre Marques da Sombra

Mestre Marques queixa-se de que os caloteiros lhe entorpecem a andadura do papel; porém o mais comico é que os caloteiros são todos correligionarios do Marques da Sombra.

Já é caveira de burro! Nem os clerigos se prestam a sustentar o orgão do Villar.

Sopa economica

Os srs. Agostinho Batalha e Antonio Hygino Magalhães Mendonça requereram á camara de Lisboa privilegio e subsidio para o estabelecimento de uma sopa economica, á semelhança da que ha no Porto, no intuito de proporcionar ás classes trabalhadoras alimento saõ, limpo e barato.

Propõe-se a empreza fornecer 4:000 refeicoes diarias, tão variadas quanto possivel, sendo:

Almoço—7 ás 9 horas da manhã—uma tijella de 7 decilitros de caldo, 20 réis; 200 grammas de pão, 10 réis.

Jantar—11 ás 4 horas—um prato abundante de ensopado, denominado prato do dia, 30 réis; uma tijella de 7 decilitros de caldo,

20 réis; 200 grammas de pão, 10 réis.

Ceia—do anoutezer até ás 8 horas no inverno e até ás 9 no verão—uma tijella de 7 decilitros de caldo, 20 réis; 200 grammas de pão, 10 réis.

Custo da 1.ª refeição, 30 réis; da 2.ª 60 réis; da 3.ª 30 réis. Total, 120 réis.

Inquerito aos estabelecimentos monasticos

Na segunda-feira reunim em Lisboa a commissão de inquerito ás casas de ensino religioso. A esta reunião assistiu o sr. Borges Grainha, auctor do livro *Os Jesuitas*, que foi ouvido sobre varios pontos do referido livro.

Consta que o sr. Borges Grainha fez revelações importantes, que poderão ser aproveitadas com utilidade pela commissão.

Princesa de Lisboa

Ha dias chegou a Bilbau uma dama e hospedou-se em um dos melhores hoteis. Na manhã seguinte apresentou-se no Ayuntamiento, dizendo ser princesa de Lisboa, e pediu para lhe entregarem as chaves de um determinado palacio, que affiançava pertencer-lhe.

Exigiu tambem n'essa occasião que fosse concedido ao seu noivo, que é um sargento, o titulo de duque de Londres e a patente de coronel.

Ignora-se quem seja a pobre doida, que falla o portuguez correctamente.

TEMPO

Impertinente o dos ultimos dias. As nuvens despejaram uma chuva miudinha que tornou as ruas lamacentas e algumas quasi intransitaveis.

Um abbae excommungado

Um telegramma de Roma para o *Jornal dos Debates* diz que o papa excommungou o abbae dos beneditinos do Brazil, por haver lido exaggerada complacencia com o marechal Deodoro da Fonseca, e mandou voltar para Roma, em demonstração de desagrado, o nuncio Spolvirini, por não ter protegido sufficientemente os interesses da Igreja.

A loteria do Natal

Uma folha de Madrid noticia quaes foram os felizes este anno contemplados com os premios maiores da grande loteria do Natal.

Vamos tambem dizelo.

O premio grande, o taludo, sahido ao n.º 33:558, coube á viuva Cunili, proprietaria da fabrica de chocolates «La Espanola», situada no passeio de Areneros, em Madrid.

Aquella senhora comprara um bilhete inteiro e havia-o distribuido por cento e trinta operarios seus e outros empregados. Ficara para si com tres decimos, um dos quaes deu a um seu filho.

—Tu és heroica a teu feitio, diz Urvaci sorrindo-se; a caminho, pois.

Chanda-Saib galopava já á borda d'agua, precedido por seus dois pagueis que procuravam o van.

—Por aqui, formosa rainha! gritava elle; eis a passagem.

A pequena tropa atravessou o rio e seguiu os passos dos combatentes.

O rufar continuo dos tambores e a fusilaria regular guiava-os seguramente; mas logo tiveram de moderar o andamento porque a poucos passos seguia a guarda da retaguarda franceza.

O caminho estava juncado de mortos e feridos, e a onda de fugitivos augmentava até á porta de Meliapôr, que os europeus chamam de S. Thomé, a pequena cidade em que Marphis-Khan se apoiava.

O projecto era de se fortificarem ali, mas a agglomeração de gente era tanta á porta que impossivel

O segundo premio coube a um bilhete comprado em Barcelona para um banqueiro de Madrid.

O premio sahido ao n.º 89 não foi vendido.

O primeiro premio por aproximação, ou seja o que sahira ao n.º 33:557, coube á esposa do ministro sr. Martos, mas dias antes roubaram-lh'o juntamente com algum dinheiro em notas que levava n'uma carteira.

O bilhete foi por certo vendido a alguem, que de boa fé o comprou e que sem duvida ha de reclamar agora os seus direitos ao premio.

A segunda aproximação sahida ao n.º 33:559 coube a varios empregados dos Caminhos de Ferro do Norte em Madrid.

Os velocipedes no exercito

O velocipede entrou no exercito francez. A começar do 1.º de maio proximo haverá em cada regimento francez 7 a 10 velocipedistas, além de 75 aggregados ao estado-maior. Os primeiros terão que provar que percorrem sem difficuldade 50 kilometros em 4 horas e os segundos 90 em 7 horas. Soffrão ainda um exame de topographia, mais severo para os do estado-maior que para os dos regimentos.

Os velocipedistas militares serão considerados como soldados distinctos, tendo 90 réis de gratificação por dia e direito a meio kilo de carne e vinho em todas as comidas.

O seu uniforme consistirá n'um kepi, blusa larga, calças largas, tuda-rôxo, e polainas ligeiras de couro, e revolver.

Beneficio

Consta-nos que os pequenos do Asylo-Escola, que alli mais se tem distinguido pelas suas aptidões para a scena, vão dar no theatro Aveirense um espectáculo, cujo producto reverte em beneficio da Associação Aveirense de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas.

Grande catastrophe

Uma horrivel catastrophe acaba de consternar sobremaneira toda a população de Antuerpia.

O sinistro deu-se na barca franceza *Pilote II*, que estava carre-

gada de 20:000 kilos de dynamite.

A barca tinha ancorado no porto contiguo á bacia de Katten-dyck. Devido a circumstancias inteiramente desconhecidas, ouviu-se subitamente uma retumbante explosão. Petrificada por momentos a gente do porto, não ousou dirigir-se logo ao local de tão calamitoso acontecimento.

Quando o susto passou, dirigiram-se alguns individuos ao ponto d'onde sahira o estampido. Deparou-se-lhes então um espantoso quadro: do navio fragmentos informes, verdadeiramente inconstitutivos; em circuito, restos humanos formando um espectáculo horripilante.

Dois marinheiros francezes que estavam de serviço na barca, encontraram-se em perfeita massa informe.

Um bote carregado de grãos que estava proximo voltou-se no momento do abalo.

BOAS FESTAS

Lindos cartões com adornos em alto relevo—para BOAS FESTAS—só os vende Arthur Paes.

Annuncios

CHEGOU JÁ

A notavel agua de quina de Pinaud. O seu uso evita a queda dos cabellos, destruindo completamente a caspa.

Pós dentrificos, em frascos, de Azevedo, Irmão & Veiga, admiraveis pelo seu sabor e qualidade.

Pastilha dentifrica de glicerina, de Jellé Frère, a que melhor resultado tem dado contra os abalos dos dentes e descarnamento das gengivas, tornando os dentes brilhantes e destruindo o mau halito da bocca.

Grande variedade de perfumarias e outros artigos de *toilette*. Cutilaria, escovaria, etc.

A venda no estabelecimento de barbear de Manuel de Lemos Junior.

ALTO DA R. DE JOSÉ ESTEVÃO, 4 A 6

TAMANCARIA AVEIRENSE

74—RUA DO ALFENA—76

(JUNTO A PRAÇA DO PEIXE)

AVEIRO

JOÃO SIMÕES AMARO JUNIOR, participa aos seus amigos e freguezes que no seu estabelecimento se encontra um variadissimo sortido de obra de diferentes qualidades, taes como: tamancos á chineza (bordados) e de outras qualidades e gostos, chancas, galochas, etc., etc.

Encarrega-se de qualquer encomenda para fóra da terra, podendo ser remettida pelo correio. Tambem se encarrega de fornecer obra para qualquer estabelecimento de fóra revender.

Garante a segurança e perfeição de todo o trabalho. Aceita qualquer obra que não fique á vontade do freguez, devolvendo a importancia recebida.

foi fechal-a. E os francezes entraram por ali dentro no encalço dos fugitivos.

—Vês, diz a rainha a Chanda-Saib, cahem na armadilha; entram na cidade, e nem um só escapará.

—Creio que te enganas, deusa celeste, responde o principe cujo rosto irradiava de alegria; nós assistimos ao mais admiravel feito d'arnas que se pôde imaginar.

—Um exercito desfeito n'um abrir e fechar de olhos, por uns centos de homens, parece impossivel, diz Urvaci enjas bellas sobranceiras se contrahiam de cólera e de desgosto.

—Mas então estes homens são perfeitos demonios, gritou Lila; marcham como se um só pensamento os animasse; páram com um só movimento, e quando descarregam as armas só se ouve um tiro. E' espantoso!

—Subamos ao alto d'esta collina, diz Chanda-Saib designando o pon-

to elevado; de lá dominaremos a cidade.

O espectáculo agora era medonho. Todos esses entes, quasi como loucos queriam sahir ao mesmo tempo pela porta opposta; mas, nas ruas estreitas, a onda humana não corria assás depressa e, immovei por momentos, expunha-se sem abrigo ás descargas regulares e seguras dos vencedores.

—Mas que loucura! bradava a rainha; elles estão com certeza bestificados por algum sortilegio, porque não se defendem, deixando-se massacar como victimas do carasco.

Após muitas perdas, os fugitivos conseguiram atravessar a cidade, alastrando-se pelos campos; e já se julgavam salvos, quando de subito o rufar dos tambores, e um tiro de artilheria, na frente d'elles, lhes fez comprehendêr que a retirada fóra cortada.

(Continúa.)

A CONQUISTA DO PARAISO

XII

Meliapôr

—Deus é grande! bradon Chanda-Saib.

A rainha levantára-se, e pallida e trémula seguira as peripécias da scena.

—O meu cavallo! gritou ella; quero vêr o fim d'isto. Esta fuga é uma armadilha, e Marphis quer atirar os barbaros a Meliapôr, para melhor os escangalhar.

Apresentaram-lhe o arabe côr de pecego, em que a rainha montou, tomando primeiro as suas armas,

POMADA CONTRA HERPES E EMPIGENS

PREPARADA PELO PHARMACEUTICO

M. ANDRADE

Esta pomada tem sido empregada por muitos medicos tirando os melhores resultados.

PREÇO DE CADA CAIXA 360 RÉIS

Remette-se pelo correio franco de porte

DEPOSITO GERAL — **Drogaria Arcosa** — COIMBRA

DEPOSITO EM LISBOA: — *Serzedello & Comp.* — Largo do Corpo Santo; *José Pereira Bastos* — Rua Augusta; *João Nunes de Almeida* — Calçada do Combro, 48.
AVEIRO — **Pharmacia Moura**.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões — Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's



É um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um específico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É baratissimo porque hasta meia colherinha do acido para meio copo de agua. Preço de cada frasco, 600 réis.

Os representantes **JAMES CASSELS & C.**, rua de Mousinho da Silveira, n.º 85, Porto, dão as fórmulas de todos estes remedios aos srs. Facilitativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellento para tirar gordura de nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarías. Preço, 240 réis

Joaquim José de Pinho

ALFAYATE E MERCADOR

ARCOS DE ANADIA

FILIAL EM AVEIRO: — Rua de Anselmo Braamcamp (antiga rua da Costeira)

GRANDE deposito de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre grande sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a retalho. Challes pretos e de côr. Guarda-chuvas de seda e merino. Mindezas proprias d'esta qualidade de estabelecimento. Grande sortido de chapéus de feltro para homem, das principaes casas do Porto; recebe encomendas dos mesmos. Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior movimento em medida.

Na filial ha grande variedade de papel para forrar salas e de outros artigos.

Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devidamente molhadas, e só receberão as suas encomendas quando estejam á sua vontade.

Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resumidos, para assim poder obter grande numero de freguezes. Especialidade em gabões.

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de Anadia como para Aveiro.

Novo Dicionario Universal Portuguez

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico, mythologico, etc.

Compilado por **Francisco de Almeida**

Condições da assignatura: — O Novo Dicionario Universal Portuguez contém 2:424 paginas, divididas por dois volumes. A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda estereotypada e muitas folhas já impressas. Os srs. assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes acontece.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se antecipadamente o importe de qualquer numero de entregas.

Preço de cada entrega, 120 réis. Fechada a assignatura, o preço será augmentado com mais 20 p. c.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios **Tavares & Irmão**, largo de Camões, 5 e 6 — Lisboa.

OFFICINA DE SERRALHERIA

Rua do Alfena (lado sul) AVEIRO

MANUEL FERREIRA previne os seus amigos e freguezes que terminou com a sociedade que tinha com o seu ex-socio **Quaresima** e continúa com a sua nova officina, defronte da antiga, onde executa com a maxima perfeição toda a qualidade d'obra concernente á sua arte, taes como: fogões, cofres, gradeamentos, portões, camas de todos os feitios, lavatorios, etc., etc., garantindo a modicidade de preços e promptidão.

OS ELEPHANTES

POR

Frederico A. Pereira

Consul de Portugal em Siam

Livro illustrado e interessantissimo, constituinto uma bella leitura para creanças e para adultos.

A educação, costumes, intelligencia e aptidões do elephante são da mais alta sympathia.

Preço, 200 réis. — Livraria Portuense, editora. — Em todas as livrarias.



AOS FESTEIROS DE 1891

Francisco A. da Assumpção

ILHAVO

Tem no seu estabelecimento — o primeiro do genero em Ilhavo — um variado sortimento de bandeiras novas de diferentes gostos, balões venezianos e á Crivo, lanternas brancas e de côres, e escudos rodeados a ornatos.

Encarrega-se de adornar ruas, praças e arraiaes, fornecendo bandeiras, galhardetes e illuminação do ultimo gosto.

Tem variado sortido de balões aereos, columnas, vasos illumatorios, etc.

Garante o maior esmero e perfeição na execução de todos os trabalhos, sendo os preços commodos e accessiveis.

ARMAZEM DE DROGAS

DE

Joaquim M. P. Falcão

42, R. N. DO ALMADA, 44

LISBOA

Artigos para fabricas de lanificios, cortumes, lonças e outros

Importação directa

LIVRARIA ACADEMICA

DE

JOAQUIM FONTES PEREIRA DE MELLO

PRAÇA DO COMMERCIO — AVEIRO

Grande sortimento de livros para lyceus e escolas primarias. Correspondencia regular com as principaes livrarias estrangeiras. Albus para desenho, poesia e retratos. Variada colleção de papeis communs e de phantasia. Novidades litterarias e scientificas. Romances e theatro. Centro de encadernações e brochuras. Objectos de escriptorio e desenho. Tintas d'oleo e aguarella, pinceis, papel tela, vegetal, continto e marion. Bonitos estojos de desenho. Oleographias, chromos, estampas em relevo, pinturas a oleo, em tela, e madeira. Completo sortido de perfumarias, objectos de toilette, cartonagens para bordados, bilhetes de felicitações, objectos de porcellana, cutilaria, etc.

Assignatura permanente de todas as publicações portuguezas, e centro de assignaturas de todos os jornaes portuguezes, francezes e hespanhoes.

Encarrega-se da impressão de bilhetes, facturas e memoranduns.

Descontos vantajosos aos revendedores de livros.

TABACARIA

DE

Joaquim Fontes Pereira de Mello

PRAÇA DO COMMERCIO — AVEIRO

Grande fornecimento de tabacos e variada escolha de marcas tanto nacionaes como estrangeiras. Collecção completa de cigarreiras, fosforeiras, bolsas para tabaco, carteiras e bilheteiras.

MACHINAS



SINGER

PARA COZER

As que teem obtido os primeiros premios em todas as exposições

A 500 RÉIS SEMANAES

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!

COMPANHIA FABRIL SINGER

AVEIRO — 75, RUA DE JOSÉ ESTEVAO, 79 — AVEIRO

E em todas as capitães dos districtos

EDITOR — FAUSTINO ALVES

Typ. do «Povo de Aveiro» — R. do Espirito Santo, 71